

**ERA O ALIENISTA UM ALIENADO?: A DISSOLUÇÃO DO LIMITE ENTRE A LOUCURA E A SANIDADE NA OBRA *O ALIENISTA* DE MACHADO DE ASSIS A PARTIR DA PERSPECTIVA NIETZSCHIANA SOBRE A MORAL**

**WAS THE ALIENIST HIMSELF AN ALIENATED? THE DISSOLUTION OF THE BOUNDARY BETWEEN MADNESS AND SANITY IN THE BOOK, *THE ALIENIST*, OF MACHADO DE ASSIS. A READING FROM A NIETZSCHEAN PERSPECTIVE ON MORALITY**

Marco Antonio Sabatini Ribeiro<sup>1</sup>

**Resumo:** Analisarei o método científico da personagem Simão Bacamarte do livro *O Alienista* de Machado de Assis a partir do pensamento de Nietzsche sobre a moral. Percebo que os estudos comportamentais do protagonista da obra machadiana são semelhantes durante o desenrolar de toda sua história: o que se modifica gradualmente é a intensidade classificatória entre o “certo” e o “errado” através da relativização e do detalhamento dos costumes do louco e do são. Os estudos psicológicos de Bacamarte se baseiam em suas próprias concepções morais permitindo a aproximação filosófica com os textos nietzschianos que estudam a moral cuja “fundamentação” científica a transforma em um discurso normativo. No entanto, a intensificação desse discurso revela que o “certo” e o “errado” procuram abarcar as (des)semelhanças idiossincráticas enquanto método de avaliação comportamental – sem levar em conta que o seu julgamento é apenas uma interpretação, entre muitas, da existência. Dessa forma, a hipótese é a de que, quando levada ao extremo, a delimitação entre a loucura e a sanidade dissolve o seu próprio limite, pois a peculiaridade presente em cada pessoa representa um conjunto único de vivências e costumes que impossibilitam a comparação entre o *certo* e o *errado*, o *são* e o *louco*.

**Palavras-chave:** Moral. Loucura. Sanidade.

**Abstract:** Examine the scientific method of personage Bacamarte Simão of the book *O Alienista* by Machado de Assis from the Nietzsche's thought on morality. I realize that behavioral studies of the protagonist of Machado's work are similar during the course of its history: what changes gradually is classificatory intensity between "right" and "wrong" through relativization and detailing of the customs of the crazy and sane. Psychological studies of Bacamarte are based on their own moral conceptions allowing philosophical approach to the Nietzschean texts they study the moral whose scientific "justification" transforms into a normative discourse. However, intensification of this discourse reveals that the "right" and "wrong" seek to encompass the idiosyncratic (dis)similarities while method of behavioral assessment – without taking into account that their judgment is just one interpretation of existence among many. Thus, the hypothesis is that, when taken to extremes, the delineation between madness and sanity dissolves its own limit, because the peculiarity in each person represents a unique set of experiences and customs that make it impossible the comparison between the *right* and *wrong*, *sane* and *crazy*.

**Keywords:** Moral. Madness. Sanity.

\* \* \*

---

<sup>1</sup> Graduado e Mestre em filosofia pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). E-mail: marco\_rsabatini@hotmail.com.

## **Introdução**

Em muito, a literatura age como uma reflexão de hábitos e comportamentos que se perfazem na e pela sociedade de modo acríptico por seus próprios cidadãos. Grandes escritores – tal é Machado de Assis – conseguem pôr em linhas e palavras o que se nota com pouca frequência. Isto é, criam os seus textos com sutilezas presentes em seu meio, de modo que a própria ficção ganha um patamar tão importante que a realidade passa a ser compreendida e analisada através dela, e vice-versa. Não seria estranho, assim, reconhecer que “escrever é, pois, ao mesmo tempo desvendar o mundo e propô-lo como uma tarefa à generosidade do leitor” (SARTRE, 1993, p. 49) como diz Sartre em sua análise fenomenológica.

De tal forma, os contos, os romances, as novelas, através da *reapresentação* e da *recriação* de fatos reais, se coadunam com estudos que analisam, por outras perspectivas, pontos semelhantes na política, sociedade, educação, etc. Proponho, então, uma aproximação temática entre a filosofia e a literatura a fim de demonstrar que, em *O Alienista*, muitas ideias de Nietzsche podem ser reconhecidas quando analisamos a delimitação entre a razão e a loucura.

Simão Bacamarte, a personagem protagonista do conto machadiano, é um renomado cientista; “filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas” (ASSIS, 2007, p. 6), Machado de Assis o caracteriza através da ironia – que perpassa o início altivo de seu livro até o final trágico da demência e da morte. Dotado de uma sutil percepção, o alienista analisa a vida através de padrões científicos e age conforme suas teorias, demonstrando uma racionalidade estratégica, porém falha, em suas atitudes. Através de uma seleção biológica, sabe-se que o cientista escolheu a sua esposa porque ela “reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem” (ASSIS, 2007, p. 6-7). Contêm-se, dessa forma, os instintos e as paixões por meio da crença na contraposição dualista da razão e do sentimento cuja base remete à filosofia grega antiga.

## **Ciência moderna e suas bases na metafísica socrático-platônica**

Segundo Jaeger, “Sócrates circunscrevia-se inteiramente aos problemas éticos e procurava investigar conceptualmente a essência permanente do justo, do bom, do belo, etc.” (2001, p. 506). No entanto, a ética socrática estaria intrinsecamente relacionada

com a Medicina, de modo que seria “o Homem e a estrutura do corpo humano o ponto de partida de suas conclusões” (JAEGER, 2001, p. 518). Assim, Sócrates sendo “sobretudo o médico do homem interior” (JAEGER, 2001, p. 520), haveria, em sua filosofia, uma fisiologia correlacionada com os valores que atuavam sobre o corpo. Através da atitude médico-empírica, a dialética socrática objetivaria a ética suprema do homem na busca pelos *melhores* valores possíveis. “Nestes conceitos gerais aprendidos de Sócrates, Platão via agora o verdadeiro ser, arrancado ao mundo do eterno fluir” (JAEGER, 2001, p. 506).

A filosofia platônica almejou a essência do saber: as características do conhecimento enquanto uma ética suprema do Bem e do Belo se pautavam na imutabilidade, na eternidade e na universalidade. A dessemelhança entre os julgamentos representaria uma contemplação obscurecida do ser: o que não revelaria nada além do próprio fato de não conhecer todas as características desse objeto, ou seja, revelaria apenas a ignorância. Mas, o próprio mundo estaria imerso na contradição onde a sua efemeridade impossibilitaria o conhecimento do ser, pois a todo o momento suas propriedades se transformariam.

Com a impossibilidade do conhecimento do mundo, a partir desses parâmetros, a filosofia platônica se pauta no conhecimento metafísico. Ora, como poderíamos identificar as coisas, identificar a nós mesmos se todo momento nos transformamos? Se o rio de Heráclito não cessa, se o corpo não cessa, mas, ainda assim, os distinguimos, “se o conhecimento se refere ao ser e, necessariamente, a ignorância se refere ao não-ser” (PLATÃO, 2006, p. 217), então devemos aprender algo que é individual e que perpassa imutável pelo tempo. “Estas essências, que só captamos pelo nosso pensamento e sobre as quais assenta o mundo do verdadeiro ser, Platão chama de ‘ideias’” (JAEGER, 2001, p. 506). Haveria, então, a realidade da qual o corpo seria apenas *uma imagem* acompanhando cada um de nós (PLATÃO, 2010) cuja apreensão real seria possível somente através do *logos*.

Sócrates e Platão teriam dado início a uma tradição filosófica que avalia o mundo através de essências metafísicas cujas características são, como dito, a imutabilidade, a eternidade e a universalidade. Assemelhando-as ao *logos* grego, a *razão* moderna contraporaria o conhecimento verdadeiro ao falso. Nesse sentido, “Sócrates torna-se o guia de todo o Iluminismo e de toda a filosofia moderna” (JAEGER, 2001, p. 493) que se volta para o mundo e para o próprio homem através do *conhecimento esclarecido*. Com a prioridade dada à razão perante os sentidos, os

sentimentos e as opiniões, descobrem-se as leis do mundo; mas descobri-las, permite também determiná-las ou, ao menos, se relacionar com elas, desenvolvendo-as, alterando-as, anulando-as.

Em meio a constantes transformações tecnológicas e econômicas a partir do século XV, a ciência moderna almejou o conhecimento enquanto controle da própria natureza. “Onde os novos sábios e pensadores revelar-se-ão inovadores será em ter conduzido até o fim, aplicando-a generalizadamente, a inspiração do grande racionalismo” (1981, p. 27), diz Fortes evidenciando a esfera prática aonde a racionalidade começava a se voltar em decorrência de filósofos como Descartes, Bacon, Locke, entre outros. A prioridade da razão permitiria ao homem a *liberdade* através do esclarecimento e, com isso, o desenvolvimento da humanidade, porque a ciência desencantaria o mundo mítico cujos motivos e percursos eram desconhecidos.

Conhecendo-se as causas, os efeitos se tornavam previsíveis. Dessa forma, a história, que “se ocupa da narrativa dessas manifestações, permite-nos todavia esperar, por profundamente ocultas que estejam as suas causas, que se ela considerar no seu conjunto o jogo da liberdade da vontade humana, poderá nele descobrir um curso regular” (KANT, 2012, p. 03). Por conseguinte, a própria vida poderia desenvolver-se em segurança através das ciências modernas. As teorias científicas desenvolveram-se, a partir do século XVII, influenciadas pelos pressupostos da filosofia moderna. A fé perdeu o seu lugar para a razão aos poucos e as concepções teológicas foram se dissolvendo em meio às descobertas físicas e biológicas da modernidade. Não é mais Deus que está no centro do Universo, mas é a Razão. Não à toa, em a *Crítica da Razão Pura*, Kant cerceia o terreno metafísico com a sobrepujança da crítica perante o dogmatismo. Neste caminho, a humanidade se torna o objeto da investigação racional “onde a inteligência e a sociabilidade se encontram intimamente combinadas” (COMTE, 1851, p. 02).

O positivismo surge neste cenário inquirindo regras que acabam por determinar e gerar os fenômenos observáveis. Destarte, as características semelhantes que resultassem em uma espécie de padrão e conjunto denunciariam as leis da natureza através da observação positivista. Mas isso também revela ecos da ética socrática através da classificação moral do que é bom ou mau e da metafísica platônica através da concepção de que o homem, a natureza e todas as suas partes são superfícies e reflexos da essência e da verdade. Dessa forma, a razão atuaria como a descobridora de leis que perpassam o homem, que determinam a sua biologia e a sua psicologia. E exatamente

por ser uma regra, a sua razão de ser, sempre como referência que se institui de modo objetivado, confronta-se com “a irregularidade, a desordem, a esquisitice, a excentricidade, o desnivelamento, a discrepância” (FOUCAULT, 2001, p. 204). A partir do contexto visto acima, os objetos da ciência estariam imersos em uma espécie de determinismo causado pelas mesmas características do conhecimento metafísico socrático-platônico.

Não seria estranho que “padrões” comportamentais humanos se tornassem o modelo de suas próprias ações. Quando a razão “descobre” as leis da natureza – e, nesse sentido, são universais, são *para todos e em todos* –, a ciência as transforma em instrumentos normativos. Por essa lógica, se uma determinada forma de agir faz parte da essência do homem, então atitudes que lhe são contrárias demonstrariam algo não humano, errado, atípico. Segundo Foucault, isso resultará no “‘normal’ a que se oporá o patológico, o mórbido, o desorganizado, a disfunção” (2001, p. 204). Conhecendo-se, por conseguinte, o que é “normal” no homem, pode-se classificar os seus estados: pode-se dizer quando se está doente ou saudável, certo ou errado, são ou louco. A biologia, a física, a moral, a psicologia, enfim, as ciências modernas estariam, dessa forma, imersas em padrões classificatórios.

### **O alienista de Machado de Assis e a perspectiva de Nietzsche sobre a moral**

Dito isto, revela-se uma das primeiras ironias do texto de Machado de Assis, citada acima. O fato de Simão Bacamarte casar-se com uma senhora nem “bonita nem simpática”, mas porque ela “digeria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista”, permite-nos enquadrá-lo à posição racionalista/positivista enquanto agente metodicamente científico. Por culpa de características fisiológicas e anatômicas, o alienista se casa com uma mulher que aparentemente “estava apta assim para dar-lhe filhos robustos, são e inteligentes” (ASSIS, 2007, p. 7). Porém, mentindo às suas esperanças, como diz o narrador, a sua esposa não engravida.

Apesar de o texto revelar os inúmeros estudos que o alienista voltou para ela de modo a induzir o leitor a crer que a ilustre dama era estéril, Machado de Assis não revela claramente se a infertilidade do casal não estava no próprio alienista. Mentir às esperanças ou não atender às admoestações do esposo não culpabiliza nenhum dos dois. Mas, dúvidas surgem de ambos os lados: sobretudo, para com o alienista, quando posta em cena correntes psiquiátricas do século XIX como a *Teoria da Degenerescência*. Ela

afirmava que “a degeneração, correlativa do pecado original”, como diz Pereira, “consistiria na transmissão à descendência das taras, vícios e traços mórbidos adquiridos pelos antecessores” (PEREIRA, 2008, p. 490). Dessa forma, “à medida que esses estigmas fossem sendo transmitidos através das gerações, seus efeitos tenderiam a se acentuar, levando à completa desnaturação daquela linhagem, chegando até a sua extinção pela esterilidade” (PEREIRA, 2008, p. 490). Também a loucura seria um fato sintomático de uma linhagem degenerada (e lembrem-se disso ao final do conto machadiano e deste artigo!).

No entanto, não é esta a discussão que me interessa aqui. O fato está na convicção das atitudes do Dr. Bacamarte, fundamentadas nas teorias científicas, mas que frequentemente não atingiam os resultados esperados. Isso porque as leis basilares da ciência não são plenamente universais como almejam as verdades metafísicas platônicas. Os padrões, os modelos, as certezas por onde a ciência *institucionaliza a verdade* são alcançados através das particularidades e dos preconceitos. O “normal” é apenas o sumário de características análogas encontradas no maior número possível de pessoas. Em contraposição, o grupo menor, ou seja, aqueles que não possuem a formalidade e a semelhança entre as suas constituições, é classificado como o que está *fora* do normal, o anormal. Dessa forma, caracterizam-se os estereótipos e julgam, mesmo sem conhecer, todos os que fogem às regras.

Por isso, a ciência se resguarda na segurança de seus efeitos, derivando de princípios que fazem com que os resultados sejam já esperados: ou será certo ou errado, ou será normal ou anormal, ou será legal ou ilegal. Leva-se em conta a diversidade de situações que podem existir. Mas, em sua maioria, estas possibilidades são classificadas negativamente. Matos diz, a fim de esclarecer a crítica frankfurtiana à ciência, que “para Nietzsche, não é natural à natureza ser conhecida, por isso só se constitui por uma espécie de agressão e de violência” (MATOS, 2005, p. 30). Porque a natureza seria destituída das leis (ou ao menos elas seriam inacessíveis) que o homem “desvenda”. Quando ela “se rege” através destas leis, a razão enquanto herança de uma tradição específica (no caso, filosoficamente socrático-platônica e histórica e culturalmente europeia) desconsidera a infinidade de outras leis pelas quais a natureza também poder-se-ia reger.

Se o alienista constantemente transforma as suas teorias sobre a loucura porque elas não correspondem às suas expectativas (ou, quando correspondem, são através da força), então as suas leis não atingem a sua intenção de delimitar a razão e a loucura,

porque são, como diz Nietzsche, “todas elas barrocas e irracionais na forma – porque se dirigem a ‘todos’, porque generalizam onde não pode ser generalizado” (NIETZSCHE, 2005a, p. 84). Através dos “sintomas”, ou seja, das particularidades de cada pessoa, Simão Bacamarte tenta saber quem se comporta como um louco: mas, se cada pessoa se comporta de uma forma, porque cada uma viveu experiências diferentes, porque aprendeu coisas diferentes, se relacionou diferentemente com o mundo, então *como descobrir* um comportamento único e correto?

Para Nietzsche, o conceito de *verdade* não concebe nenhuma “realidade” cuja descoberta fizemos, mas, sim, determinadas situações e posições que tomamos como *verdadeiras* – sem que isso remeta ao significado representativo de uma “essência”, ou seja, de uma característica eterna e imutável. A própria vida não possui, então, nenhum sentido *dado*, isto é, nenhum sentido “anterior” à sua própria existência. Ao contrário, é a nossa existência que nos permite tomá-la como tal e valorá-la conforme o “bom gosto”. Algo importante aparece aqui: se a vida não possui verdades metafísicas, então as ações e atitudes humanas se baseiam somente nos interesses de seus donos – por mais que eles insistam em se camuflar em *verdades*. Ora, seguindo esse raciocínio, a concepção de *certo* e *errado* também cai por terra, pois o certo se transforma apenas na opinião divergente do errado, e vice-versa, – assim como *verdade* e *falsidade*, *razão* e *loucura* – sem nenhum fundamento metafisicamente regulador. As pessoas distinguem-se, então, com base em suas crenças. O imoral poderia ser moral para outra cultura ou para outro tempo. O “certo” e “errado” são apenas distinguidos enquanto as coisas são definidas de acordo com os seus pensamentos, seus modos de julgar o mundo e tais diferenças.

Nós questionamo-nos sobre “o *valor* dessa vontade. Certo, queremos a verdade: mas por que não, de preferência, a inverdade? Ou a incerteza? Ou mesmo a insciência? – O problema da verdade apresentou-se à nossa frente – ou fomos nós a nos apresentar diante dele?” (NIETZSCHE, 2005a, p. 9). O problema é que, para Nietzsche, não existe uma verdade metafísica sobre o campo da ação humana que define o seu modo de agir e julgar, mas apenas convenções que fixam pensamentos e atitudes propícias a ela. Cito:

“Bom” é chamado aquele que, após longa hereditariedade e quase por natureza, pratica facilmente e de bom grado o que é moral, conforme seja (por exemplo, exerce a vingança quando exercê-la faz parte do bom costume, como entre os antigos gregos). Ele é denominado bom porque é bom “para algo”; mas como, na mudança dos costumes, a benevolência, a compaixão e similares sempre foram sentidos como

“bons para algo”, como úteis, agora sobretudo o benevolente, o prestativo, é chamado de “bom”. Mau é ser “não moral” (imoral), praticar o mau costume, ofender a tradição, seja ela racional ou estúpida; especialmente prejudicar o próximo foi visto nas leis morais das diferentes épocas como nocivo, de modo que hoje a palavra ‘mau’ nos faz pensar sobretudo no dano voluntário ao próximo. (NIETZSCHE, 2005b, p. 67-68)

Dessa forma, a classificação entre certo e errado se baseia nos costumes do povo, da religião, da cultura em geral – em um julgamento.

Mas, se não há nada que define o comportamento humano senão o próprio homem, então o que o alienista encontrou com as suas respostas sobre a razão? Apenas a sua própria moral. O que Bacamarte queria era delimitar o terreno da loucura e da razão para saber exatamente onde uma começa e a outra termina. Porém, tal definição é inexistente enquanto uma generalização universal do modo de agir. Ela existe apenas enquanto um julgamento a partir de si próprio, isto é, a partir do que se considera bom ou mau, racional ou irracional, ou seja, a partir de certos costumes.

Dessa forma, tudo que não é semelhante à moral de quem avalia é também considerado como estranho, anormal, insano, imoral (Bacamarte seria, portanto, uma exceção entre os homens que ironicamente e “inversamente” se dá o valor de “são” e “correto?”). Como diz Nietzsche, “em quase toda parte, é a loucura que abre alas para a nova idéia, que quebra o encanto de um uso e uma superstição venerados. Compreendem por que tinha de ser a loucura?” (NIETZSCHE, 2004, p. 21) Porque ela significa a incompatibilidade com os padrões vigentes e também com a originalidade comportamental de cada pessoa. “Verdade é que, se todos os gostos fossem iguais, o que seria do amarelo?” (ASSIS, 2007, p. 21)

### **Conclusão: Era o alienista um alienado?<sup>2</sup>**

A vontade do alienista, assim como a da sociedade, poderia também ser nomeada de “receita contra suas paixões”. Ela anula os sentimentos das pessoas que por conta disso vivem aprisionadas a uma generalização social, o que faz da ciência de Bacamarte uma máscara para a sua moral. Como Nietzsche diz:

---

<sup>2</sup> Para evitar possíveis críticas, digo de passagem: aqui, propositalmente, a “pergunta” é a conclusão!



Todas essas morais que se dirigem à pessoa individual, para promover sua “felicidade”, como se diz – que são elas, senão propostas de conduta, conforme o grau de *periculosidade* em que a pessoa vive consigo mesma; [...] tudo isso tem pouco valor medido intelectualmente, esta longe de ser “ciência”, menos ainda “sabedoria”; na verdade é, diga-se mais uma vez, diga-se três vezes, prudência, prudência, prudência, mesclada com estupidez, estupidez, estupidez [...]. (NIETZSCHE, 2005a, p. 84)

Priva-se a vontade através da moral que é usada pela ciência, religião, educação, etc., para manter uma ordem, obrigando-a a agir de acordo com interesses extrínsecos a si; “mas, se tantos homens em quem supomos [juízo], são reclusos por dementes, quem nos afirma que o alienado não é o alienista?” (ASSIS, 2007, p. 24)

Simão Bacamarte “cada dia notava uma observação nova, uma descoberta interessante, um fenômeno extraordinário” (ASSIS, 2007, p. 11). A universalidade de uma lei se desaparece assim na particularidade de suas propriedades. Se o conjunto característico da loucura se fundamenta em comportamentos, ou mesmo em estados fisiológicos, o seu limite perante a razão se dissolve, pois, através da variedade, impossibilita a existência dos princípios universais e imutáveis. Consequentemente, a teoria sobre a delimitação da loucura e da razão do Dr. Bacamarte sofre constantes alterações porque, de acordo com Nietzsche, “a realidade nos mostra uma fascinante riqueza de tipos, a opulência de um pródigo jogo e alternâncias de formas” (2006, p. 37).

Considerar a razão como “o perfeito equilíbrio de todas as faculdades” (ASSIS, 2007, p. 15) reflete uma configuração e uma interpretação da realidade do próprio alienista. Levando em conta a peculiaridade que a vida causa, chega-se ao conjunto de características de uma nação, e, por sua vez, às de uma região, estado, cidade, indivíduos. O fato é que a investigação revela partes ínfimas: da mesma forma, cada pessoa apresenta costumes diferentes umas das outras. Torna-se impossível encontrar um padrão que classifique o comportamento entre a sanidade e a insanidade.

A intensificação da análise dos costumes demonstra apenas idiossincrasias. Se a personalidade se distingue uma da outra, como se classifica a loucura da razão? Como é melhor viver? Sempre se quis “melhorar” os homens: sobretudo a isso chamava-se Moral. Mas sob a mesma palavra se escondem as tendências mais diversas. Tanto o *amansamento* da besta homem como o *cultivo* de uma determinada espécie de homens foram chamados de ‘melhora’” (NIETZSCHE, 2006, p. 49-50). A predominância de uma lógica torna irracional as outras lógicas. No entanto, o ilógico apenas possui uma

configuração interna diferente. “Mas não importa o que façamos”, diz Nietzsche, “os imbecis e as aparências falam contra nós, dizendo: ‘Estes são homens *sem* dever’” (2005a, p. 118).

Esta análise causa punições, o corpo é despossuído de si mesmo – e, interna-se um *louco*, prende-se um *criminoso*, desdenha-se um *anormal* –; daí, “melhora”-se o homem. “Apenas acrescento”, fala ainda o filósofo, “que, para mim, ‘melhorado’ significa – o mesmo que ‘domesticado’, ‘enfraquecido’, ‘desencorajado’, ‘refinado’, ‘embranquecido’, ‘emasculado’ (ou seja, quase o mesmo que *lesado*...)” (NIETZSCHE, 1998, p. 131). Assim, quando levada ao extremo, a delimitação entre a loucura e a sanidade dissolve o seu próprio limite, pois a peculiaridade presente em cada pessoa representa um conjunto fisiológico único de vivências e costumes que impossibilitam a comparação entre o *certo* e o *errado*, o *são* e o *louco*, de modo que não há nenhum modelo, nenhum padrão, nenhuma *essência metafísica* que demonstre como devemos ser. O que se atingem com isso são apenas as penalidades e mitigações corporais a fim de transformações psico-fisiológicas. Além da dúvida sobre o que é agir correta e incorretamente, como o conto de Machado de Assis desenha, podemos, agora, de modo inverso, duvidar sobre o desfecho irônico do estado mental de Bacamarte: isto é, era o alienista um alienado?<sup>3</sup>

### Referências

- ASSIS, M. de. “O Alienista”. In: *Papéis Avulsos*. Pára de Minas: VirtualBooks, 2007.
- BALEN, R. M. L. van. *Sujeito e identidade em Nietzsche*. Rio de Janeiro: UAPÊ, 1999.
- BARBOSA, M. G. *Crítica ao conceito de consciência no pensamento de Nietzsche*. São Paulo: Beca Produções Culturais, 2000.
- COMTE, A. “Préambule Général”. In: *Système de politique positive; ou, Traité de sociologie, instituant la religion de l’humanité*. Tomo Premier. Paris: Dunod, Éditeur – Juillet, 1851.
- FOUCAULT, M. *Os anormais* – curso no Collège de France (1974-1975). Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- \_\_\_\_\_. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Edição Loyola, 2009.
- FORTES, L. R. S. *O Iluminismo e os Reis Filósofos*. Editora Brasiliense, 1981.
- GIACOIA Jr., O. *Nietzsche como Psicólogo*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001.
- GOMES, R. O. *O Alienista: loucura, poder e ciência*. In: *Tempo Social* SP, 5(1-2): 145-160, 1993.
- JAEGER, W. *Paideia: a formação do homem grego*. Trad. Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- KANT, I. *Ideia de uma historia universal com um propósito cosmopolita*. Trad. Artur Morão. Disponível em <<www.lusofia.net>>. Acessado em 14/10/2012.

---

<sup>3</sup> Machado de Assis cria a mesma situação de *Dom Casmurro* sobre a “traição de Capitu” onde a questão é impossível de ser respondida – porque a ironia nos impinge à dúvida eterna.

- \_\_\_\_\_. *Crítica da Razão Pura*. Trad. Valério Rohden e Udo Baldur. Moosburger. São Paulo: Abril Cultural, 1980 – (Coleção Os Pensadores).
- MATOS, O. C. F. *A Escola de Frankfurt: luzes e sombras do Iluminismo*. São Paulo: Ed. Moderna, 2005 – (Coleção Logos).
- MOREIRA, A. C. G.; BERLINK, M. T. Mania de saber: Ironia e melancolia n' *O Alienista* de Machado de Assis. In: *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. VI, n. 2, p. 99-113, 2003.
- NIETZSCHE, F. *Genealogia da Moral*. Trad. Paulo César de Souza. – São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Aurora*. Trad. Paulo César de Souza. – São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Além do Bem e do Mal*. Trad. Paulo César de Souza. – São Paulo: Companhia das Letras, 2005a.
- \_\_\_\_\_. *Humano, demasiado humano*. Trad. Paulo César de Souza. – São Paulo: Companhia das Letras, 2005b.
- \_\_\_\_\_. *Crepúsculo dos Ídolos*. Trad. Paulo César de Souza. – São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- PEREIRA, M. E. C. Moral e a questão da degenerescência. In: *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 11, p. 490-496, 2008.
- PLATÃO. *A República*. Trad. Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- \_\_\_\_\_. *As Leis: incluindo epinomis*. Trad. Edson Bini; prefácio de Dalmo de Abreu Dallari. Bauru: EDIPRO, 2010.
- SARTRE, J-P. *O que é a literatura?* Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Editora Ática, 2ª edição, 1993.
- SILVA, A. C. O Alienista e a Sátira Clássica Antiga. In: *Revista Philologus*, CIFEFIL – Rio – RJ, v. Ano 10, n. 29, p. 41-50, 2004.
- SOUZA, J. L. C. Racionalidade Moderna, Ciência e Loucura: especulações sobre *O Alienista* de Machado de Assis. In: *Revista Trilhas (UNAMA)*, Belém-Pará: UNAMA, v. 5, n. 1, p. 85-94, 2004.